

winworld
inspiring the future

RELATÓRIO DE IMPACTO

DO DEBATE À SÍNTESE

GRANDE CONFERÊNCIA

Educação e Transformação

MOBILIZAR IDEIAS. INSPIRAR O FUTURO.

30 MAIO 2025

Nota: Este relatório foi desenvolvido pela WIN WORLD, SA e o seu conteúdo é da sua responsabilidade e autoria. Não deve ser reproduzido, cortado, editado ou utilizado de forma parcial, fora do seu contexto original. A partilha deste material deve respeitar a sua integridade e finalidade, sendo obrigatória a identificação da WIN WORLD, SA. Para qualquer utilização adicional, por favor contacte a WIN WORLD, SA, autora do relatório e responsável pelo conceito, planeamento e gestão global da Grande Conferência Educação e Transformação.

A escola pode ser mais: ideias, vozes e futuro em construção

Valorizar os professores. Ouvir os alunos. Envolver a comunidade. A educação do futuro começa com estas três ideias simples — mas transformadoras - que ecoaram na primeira edição da Grande Conferência Educação e Transformação.

E mais: é tempo de a escola abrir portas e janelas à realidade lá fora. De trocar a memorização para exames pela curiosidade que perdura. De dar aos professores a formação contínua que merecem. De cultivar o pensamento crítico como bússola numa era inevitavelmente guiada pela inteligência artificial.

A qualidade das relações dentro da escola importa — e muito. Foi unânime a ideia que, quando a comunidade educativa se sente parte de algo maior, o desempenho melhora, a motivação cresce e a aprendizagem ganha sentido. E a liderança? Tem de começar onde tudo acontece: dentro da sala de aula.

Ser professor tem de voltar a ser um sonho - e não um último recurso para os mais jovens.

E sim, é possível fazer tudo isto. Mais do que isso: já há quem esteja a fazer. Em Portugal e lá fora. E Portugal pode sim, ser um país referência de conhecimento, educação e progresso, se pensarmos e atuarmos já. Juntos.

Estas foram algumas das mensagens deixadas pelas **40 vozes, entre professores, alunos, líderes, especialistas e decisores, que deram corpo - e alma - à Grande Conferência Educação e Transformação, que reuniu, no dia 30 de maio, mais de 2750 participantes presencialmente e online.** Um sonho antigo que ganhou forma e impacto real, como sublinhou Carlota Ana Ribeiro Ferreira, fundadora e presidente da WIN WORLD, entidade responsável pelo conceito, planeamento e gestão global do evento, na sessão de abertura juntamente com Francisco Pedro Balsemão, CEO da Impresa e Margarida Rebocho, Administradora-Delegada da Fundação Semapa - Pedro Queiroz Pereira.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

E foi com o sonho na mão e a certeza de que a escola não pode continuar a enfrentar os desafios de hoje com as respostas de ontem, que a WIN WORLD - acompanhada por um vasto conjunto de parceiros e *Founding Fellows* -, decidiu colocar a educação na agenda. Sem querer deixar ninguém de fora, juntou em palco quem está no terreno com quem pensa o sistema, quem gere com quem ensina, quem aprende com quem acompanha. Um encontro raro de reflexão estratégica e escuta ativa, centrado na educação como bem público e motor de futuro. Um dia inteiro dedicado à educação com todos aqueles que a conhecem, vivem e defendem.

Dividido em três grandes dimensões – **Como se aprende nos dias de hoje; Ensinar para um mundo em mudança e Projetar futuros para a Educação em Portugal** – foram apresentados dados relevantes, debatidas políticas públicas e partilhadas experiências do terreno. Mais do que um evento, esta grande conferência afirmou-se como um gesto cívico. Um espaço para devolver a centralidade à educação na vida coletiva que se materializou numa ideia simples e transformadora: mudar a educação é possível, mas exige **compromisso, coragem e continuidade**.

Ideias que estiveram presentes logo no arranque da Conferência, com duas intervenções que definiram o espírito do dia: uma análise rigorosa e provocadora por Nuno Crato, Ministro da Educação e Ciência (2011-2015) e Presidente da Iniciativa Educação, seguida de um painel que colocou no centro do debate os principais protagonistas: os alunos.



Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

A educação de qualidade é o motor de transformação das sociedades.

O problema? O motor está avariado.

Nuno Crato subiu ao palco com uma pergunta incómoda: será que é a educação que transforma a sociedade, ou será a sociedade que molda a educação?

“Toda a gente gosta da resposta conciliatória: a educação transforma a sociedade e a sociedade transforma a educação. Mas isso não resolve o problema central”, afirmou. Crato baseou a sua intervenção em evidência científica e dados comparativos, destacando que só no século XXI passámos a ter instrumentos robustos para medir o impacto da educação, graças a grandes inquéritos internacionais como o PISA ou o TIMSS.

O antigo ministro apresentou uma tese clara: é a **qualidade do sistema educativo que é o fator de transformação das sociedades.**

“Não é a educação em geral - é a qualidade”. Defendeu que **não basta estar na escola; é preciso aprender.** E alertou para o declínio dos resultados cognitivos dos alunos portugueses desde 2016: temos mais crianças na escola do que nunca, mas os resultados descem em matemática, ciências e leitura. A educação é, de facto, o motor de transformação das sociedades, mas Portugal tem um problema: “O motor está avariado”.

Crato apresentou números concretos: depois de terem subido em todas as áreas entre 2001 e 2015, a partir de 2016 os resultados têm vindo a piorar em todas as áreas - português, ciências, matemática – quer nos jovens do primeiro ciclo, quer nos jovens da faixa etária dos 15 anos. Dos 17,2% dos alunos de 15 anos que apresentavam dificuldades graves em leitura em 2015, Portugal subiu, em 2022, para 23%. Em matemática, quase 30% dos alunos da mesma faixa etária têm dificuldade em comparar $\frac{1}{3}$ com $\frac{4}{5}$, um valor que já rondou os 23%.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Precisamos de uma educação mais inclusiva, com metas curriculares mais ambiciosas e métodos de ensino inovadores, até porque não há espírito crítico que surja da ignorância. “A curiosidade e o pensamento crítico ganham força quando há conhecimento”, afirmou.

Recuperando uma frase de Josep Pla – “Es solo cuando se sabe algo que se siente la necesidad de saber más. Es cuando no se sabe nada que la curiosidad desaparece - Crato rematou: Não há progresso sem exigência. Já estivemos bem e já fizemos bem. E podemos voltar a fazê-lo. Mas como? “Temos de reparar o motor”.

A escola não está a ouvir.

Mas, também ela, pode aprender.

E se a educação é o motor das sociedades, os alunos são o combustível para esse motor. Moderado por Frederico Fezas-Vital, Diretor Executivo do Yunus Social Innovation Center, o painel dos alunos – **Por Nós: a nossa história, o nosso lugar, o nosso futuro** - foi um momento de partilha honesta, emotiva e crítica.

Os cinco jovens convidados – Carolina Santos, Daniel Garcia, Gabriel Rosa, Margarida Zuzarte e Salvador Pereira Coutinho – oriundos de diferentes zonas do país, de sistemas de ensino distintos e com leituras diversas da educação e da escola, partilharam as suas trajetórias, inquietações e propostas de mudança.

Carolina Santos, finalista de licenciatura de Design de Equipamento na faculdade de Belas Artes de Lisboa, falou do choque entre realidades quando, aos 15 anos, teve de sair de Aguiar da Beira para estudar artes visuais em Viseu: “Tive de me desafiar muito mais. Tive de ser mais autónoma e aprender com os colegas”. E destacou o papel dos professores: **“Sempre tive professores que acreditaram muito em mim. É por isso que hoje me sinto realizada.”**

Margarida Zuzarte, que frequentou simultaneamente Engenharia e Gestão Industrial no Técnico e Direito na Católica, denunciou a rigidez do sistema, apesar de existirem protocolos de cooperação entre as duas instituições de ensino: “Não tive apoio nenhum. Um professor disse-me que eu não ia conseguir fazer as duas licenciaturas bem feitas”. Mas conseguiu e, em palco, criticou também a aprendizagem meramente teórica, focada em decorar, despejar no teste e esquecer a seguir, destacando uma questão essencial: **a escola não nos ensina a errar.**

Salvador Pereira Coutinho, do 12º ano Escola Alemã de Lisboa, **valorizou a ausência de divisão por áreas no seu percurso: que lhe permite explorar todas as áreas de conhecimento “Às vezes descartamos coisas que afinal até gostamos”**, exemplifica. E, para ele, **o essencial é ensinar a comunicar: dialogar não é só falar. É não ter medo de fazer perguntas, de se impor. “O medo trava-nos. A escola devia ajudar-nos a superar isso”. E não o faz.**

Gabriel Rosa, do 11º ano de uma escola TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) no Algarve, trouxe uma crítica contundente: **as escolas têm janelas e portas trancadas. E o sistema não dá as chaves, muitas vezes nem aos próprios alunos. Assim, apelou à descentralização das decisões e à escuta ativa dos alunos, protagonistas essenciais do sistema educativo: “Falem connosco. Façam assembleias. Depois decidam o que quiserem, mas oiçam-nos”.**

Daniel Garcia, natural de Campo Maior, que já terminou o seu percurso educativo no ISCTE, referiu o impacto do ativismo estudantil e da ligação com o Sr. Comendador Rui Nabeiro: **“Mudou a minha vida. Percebi que quanto mais humanos formos, mais nos destacamos”**. Vindo de uma família sem grande disponibilidade financeira, e orgulhoso de chegar onde está hoje, exortou a escola do futuro a garantir acessibilidade e adaptação: **“Há quem não consiga pagar um mestrado. Precisamos de uma educação mais próxima do mundo real”**.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

O painel terminou com mensagens finais marcantes: Gabriel pediu mais conferências como esta, “fora da capital”; Carolina falou da importância da saúde mental e do voltar a “fazer com as mãos”; Margarida destacou a importância da palavra “ouvir” e Daniel deixou um recado direto aos colegas: “Vocês são o futuro. Lutem pelos vossos sonhos”. E Salvador retomou a metáfora lançada por Nuno Crato: não adianta ter bons pneus se o motor não funciona.

Estamos realmente a aprender?

Quando a escola tropeça na velocidade do mundo

O ponto de partida foi claro: a escola está em descompasso com os alunos. Numa sala cheia de professores, especialistas e decisores, a primeira dimensão da conferência – **Como se aprende nos dias de hoje** - analisou as dificuldades da aprendizagem atuais, mas também as suas possibilidades. Vivemos num tempo de excesso de estímulos, fragmentação de atenção e disrupção tecnológica, em que os alunos enfrentam desafios emocionais profundos e crescentes desigualdades sociais. O que isso exige da escola? Que ouça. Que compreenda. Que se transforme.

No primeiro painel desta dimensão - **Aprender nos dias de hoje: contextos, desafios, estímulos que nos impactam**, Alexandre Castro Caldas (neurocientista e Professor Catedrático, Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa), Ana Rita Bessa (CEO, Leya), Matilde Ricciardi (Aluna 11º ano Línguas e Humanidades e vencedora do prémio FedEx) e Pedro Abrantes (Professor, Universidade Aberta), conduzidos por Laurinda Alves, professora e autora, centraram-se nas transformações cognitivas e culturais que afetam os jovens.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Os oradores deixaram um alerta comum: **os alunos não deixaram de ter interesse em aprender - perderam foi o sentido de pertença à escola. As metodologias tradicionais, baseadas na memorização e na uniformização, apesar de essenciais em alguns processos cognitivos, parecem hoje insuficientes para dar resposta a realidades diversas, contextos exigentes e perfis de aprendizagem em mutação.**

Alexandre Castro Caldas alertou para a **importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento cognitivo.** Apesar da evolução dos contextos, o cérebro das crianças permanece o mesmo: **“Há uma janela de oportunidade nos primeiros anos. Se não criarmos logo o vício da leitura e da matemática, depois é muito mais difícil”.** Referiu estudos com ex-analfabetos que demonstram o esforço acrescido do cérebro na ausência de treino precoce: “Gastam mais energia para fazer as mesmas tarefas, usando outras áreas do cérebro”.

A discussão avançou para as desigualdades. Pedro Abrantes reconheceu os progressos do sistema educativo, mas sublinhou que continuamos a ter realidades escolares muito díspares: “Por vezes, parece que estamos em países diferentes.” Apontou o território, as condições socioeconómicas e os grupos étnico-raciais como fatores estruturantes: não basta somar projetos. É preciso mexer nas bases: formação e colocação dos professores, currículos, formas de avaliação. Uma avaliação que, frisou, deve considerar todo o percurso do aluno e não apenas o resultado.

Uma ideia que também foi defendida pela jovem Matilde Ricciardi que partilhou a experiência de participar num projeto da Junior Achievement Portugal, onde, com a sua equipa, criou uma esponja de banho para deteção precoce do cancro da mama. “Aprendemos imensas competências, não só de gestão, mas sobretudo humanas: comunicação, trabalho em equipa, resiliência.” A iniciativa foi catalisadora na sua escola, levando a maior abertura a projetos de inovação. Defendendo que se aprende mais num projeto deste género que numa aula normal, **Matilde criticou o facto de a escola se limitar a avaliar a capacidade de memória a curto prazo dos jovens e não o seu pensamento crítico: “Quando o foco está apenas na nota, perde-se o gosto de aprender”.**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Ana Rita Bessa centrou-se na leitura e nos conteúdos escolares. Reforçou a importância da intervenção precoce nas dificuldades, com recurso a ferramentas digitais capazes de detetar falhas na leitura logo nos primeiros anos. **“Há ambientes onde não há livros em casa. A escola tem de compensar isso.”** Destacou ainda a importância de diversificar os estímulos: “Os novos leitores surgem muitas vezes por influência do TikTok. Pode parecer estranho, mas é real”. E defendeu **o valor da intencionalidade pedagógica: se conhecermos os alunos e soubermos casar os conteúdos com os meios certos, podemos promover aprendizagens mais completas.**

Num painel sobre desafios e contextos, o telemóvel não podia ficar esquecido. “O telemóvel está aí. Não podemos fingir que não existe”, afirmou Castro Caldas. Deve ser desligado em momentos específicos, mas também pode ser um recurso, desde que bem enquadrado. Ana Rita Bessa reforçou: “Não faz mal à saúde. É uma criação humana. Temos é de saber usá-lo com intenção.”

Todos sublinharam o papel determinante dos professores no sucesso escolar. Ana Rita Bessa apontou **os professores como fator mais discriminante do sucesso de um aluno**; Matilde Ricciardi como a chave do sucesso ou insucesso de um aluno. “Sem motivação, não há esforço. Sem esforço, não há aprendizagem”, resumiu uma professora presente na audiência.



Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

E é possível fazer diferente?

Sim, é.

Foi precisamente para mostrar esta possibilidade que o segundo painel desta dimensão trouxe à conferência um conjunto de experiências reais, lideradas por escolas e professores que desafiam o status quo. Iniciativas que rompem com a lógica de ensino expositivo e propõem formas mais participadas, colaborativas e significativas de aprender. **Os projetos apresentados revelaram práticas concretas que colocam os alunos no centro do processo educativo e que apostam na autonomia, no vínculo e na experimentação como motores de aprendizagem.**

Sara Aguiar, especialista em inovação e impacto, iniciou a sua intervenção sublinhando que transformar a educação é possível — e urgente — num mundo em rápida mudança. Numa analogia envolvente, comparou o corpo humano ao hardware, o cérebro ao software e a inovação ao sistema operativo que gere recursos e resolve problemas. Sublinhou que a educação é a ferramenta que potencia esse sistema, desenvolvendo competências — ou “aplicações” — que nos permitem agir sobre os nossos próprios desafios e os das comunidades em que nos inserimos.

A inovação, defende, potencia a educação ao criar novas formas de ensinar e aprender, enquanto a educação reforça a inovação ao preparar cidadãos capazes de encontrar soluções criativas. Competências como criatividade, autoconhecimento, comunicação e colaboração - as chamadas “human skills” - ganham renovada importância num contexto de avanço tecnológico e inteligência artificial.

Destacou exemplos nacionais e internacionais de projetos inovadores, como a Think Global School, o MyMachine, a Goodwall, a Escola da Energia e a Teach for Portugal, que integram novas metodologias, promovem **autonomia, pensamento crítico e a ligação à realidade.** Maria Azevedo, da Teach for Portugal e Vanda Martins, da Fundação EDP, subiram a palco para aprofundar estas duas últimas experiências educativas que aliam inovação e impacto social com resultados concretos.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Maria Azevedo explicou que a Teach for Portugal trabalha competências como resiliência, inteligência emocional e capacidade de agir com propósito e destacou o papel dos mentores do projeto, jovens profissionais recrutados para trabalhar em escolas públicas de contextos socioeconómicos desfavorecidos. Pessoas que, à partida, não pensaram dedicar-se à educação, mas que descobrem nela uma missão de vida. Durante dois anos letivos, estes mentores colaboram com professores, alunos e famílias, dentro e fora da sala de aula. E destacou a necessidade de atrair gente nova para a educação e prepará-los com ferramentas específicas para contextos exigentes.

Vanda Martins, por sua vez, apresentou a educação como pilar estratégico da Fundação EDP. A Escola da Energia transforma temas complexos, como a transição energética, em experiências sensoriais, lúdicas e cívicas. “As crianças não esquecem o que é o vento depois de sentirem a ventoinha no cabelo”, exemplificou.

Em *workshops* com os mais novos e *bootcamps* com alunos do secundário, desafiam-se soluções para tornar escolas e comunidades mais sustentáveis. “Queremos formar jovens agentes de mudança. E essa mudança só acontece com todos, também no interior e fora das grandes cidades”.

Ambas defenderam que **a inovação não tem de ser disruptiva. Pode ser complementar, incremental e profundamente transformadora quando assente em relações humanas: às vezes inovar é voltar ao óbvio** e, pegando em problemas identificados pelos oradores anteriores, **assegurar que todos sabem ler, que podem levantar a mão sem medo, que têm um cantinho com luz para estudar.**

A relação entre pessoas, a escuta ativa e o envolvimento das comunidades foram apontados como o verdadeiro motor da equidade e do progresso. Mas como garantir que estas práticas deixam de ser exceções e passam a estar integradas, de forma sistémica e estruturada, no modelo educativo? Pela própria educação: porque a educação transforma-se quando é ela própria transformadora.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Ser líder não vem com manual.

Equilíbrio no fio da mudança.

Mas por trás de cada transformação educativa, há rostos e nomes que têm a coragem e a ousadia de agir. A segunda dimensão da Grande Conferência Educação e Transformação – **Ensinar para um mundo em mudança** - começou por trazer a palco esses nomes e esses rostos.

Partindo do princípio que liderar uma escola hoje é **liderar um sistema complexo de desenvolvimento humano**, Carlota Ana Ribeiro Ferreira moderou um painel que juntou líderes de instituições públicas e privadas para refletir sobre o significado da liderança num setor em constante mutação.

João Trigo, diretor geral do Colégio Efanor, um dos colégios que habitualmente ocupa os lugares cimeiros dos **rankings**, sintetizou a sua visão de liderança em quatro palavras: propósito, desafio, compromisso e partilha. Defendeu que **o verdadeiro impacto da liderança acontece dentro da sala de aula, através do papel do professor. “Temos de redefinir o papel do professor neste tempo de abundância de informação. O professor tem de inspirar, mobilizar, criar sentido e relações, ajudar os alunos a encontrar o seu lugar no mundo.”** E alertou para o desinteresse de muitos alunos, **sublinhando que é urgente que a escola volte a fazer sentido.**

Em contraste com a realidade do projeto educativo liderado por João Trigo, José Lourenço, diretor do agrupamento de escolas da Baixa da Banheira, um agrupamento num território TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), defendeu a ideia de que **“a escola não prepara para a vida, a escola é a vida”**. E trouxe o olhar de quem lidera em contexto de grande vulnerabilidade. Falou da dureza do território que serve - sem supermercados ou restaurantes e com mães que saem para Lisboa às cinco da manhã - e da **urgência de garantir aprendizagens de qualidade para que a escola ative, de facto, o elevador social.** “Estamos sempre a correr atrás do prejuízo”, afirmou.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Defendeu **mais investimento na retenção de professores em escolas TEIP e denunciou o excesso de rotatividade dos docentes como um forte obstáculo à liderança e à construção de identidade e de cultura escolar**. E deixou uma nota para uma segunda edição da Grande Conferência Educação e Transformação: incluir alunos com insucesso escolar nos debates educativos.

Ana Mira Vaz, por sua vez, do Colégio Pedro Arrupe, sublinhou que liderar para o futuro exige **“definir um horizonte educativo” com projeto, sentido e identidade**. Criticou uma abordagem superficial à **inovação, e até à sobre estimulação pouco ponderada, “não se trata de encher o carrinho com coisas novas”**, e valorizou a importância de **decisões estruturadas, tomadas em comunidade: “as escolas não são marcas brancas. Precisamos de um maior consenso sobre o que ensinar, valorizar e tolerar.”**

Ana Mira Vaz levantou um ponto essencial ao ser questionada sobre os desafios da formação contínua ao longo da carreira docente: afinal, não deveríamos também repensar **o que significa hoje ser professor? Estarão os jovens à procura de uma carreira no ensino ou apenas de uma boa experiência profissional enquanto professores? Num mundo onde o talento se expressa de formas cada vez mais diversas e as relações com o trabalho estão em constante transformação, este é um debate que merece atenção e reflexão.**

Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAE), apontou **as limitações da autonomia nas escolas públicas e o impacto desigual da descentralização, que não está a ser um processo uniforme.**

“Na escola pública não temos autonomia. Durante a COVID tivemos, porque ninguém sabia o que fazer.” Reforçou a importância das lideranças intermédias e criticou políticas centralizadas, como a proibição de telemóveis, que, mais uma vez, ignoram o papel dos contextos locais: **“as escolas deviam ter liberdade para decidir”.**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Mafalda Sàágua, da creche do Abrigo Infantil de Santa Maria de Belém, lembrou que **liderar no pré-escolar é garantir intencionalidade educativa desde os primeiros afetos, no seguimento do que já tinha sido defendido por Alexandre Castro Caldas: desde o porteiro ao cozinheiro, todos ensinam. Todos fazem parte da experiência pedagógica.** Defendeu o envolvimento da equipa na construção do projeto educativo e deixou uma semente para o futuro: “Escolho a semente do amor. Para haver educação, tem de haver relação.”

Apesar das dificuldades e diferenças de contexto, este painel mostrou que o essencial é comum: colocar o aluno no centro, construir sentido, agir com coragem e com visão. **A liderança em educação é, cada vez mais, um exercício de escuta, convicção e humanidade.**

Máquinas que ajudam, professores que inspiram.

E vice-versa.

A humanidade que, precisamente, fez parte do binómio das apresentações que abriram a parte da tarde desta Conferência. Mas, primeiro, a tecnologia.

Numa intervenção intensa e provocadora, **“A tecnologia a favor da Educação”**, Bernardo Caldas, especialista em tecnologia e inteligência artificial (IA), desmontou equívocos sobre a integração da IA na educação logo desde o início: “Se alguém ainda acha que a inteligência artificial não vai mudar o mundo, está muito enganado”, alertou, defendendo que a **IA não deve ser apenas inserida nas salas de aula, mas repensada no seu impacto mais profundo.**

Este especialista destacou **o potencial da IA na personalização do ensino, ajustando ritmos e dificuldades a cada aluno, e libertando professores de tarefas administrativas para se focarem no que é verdadeiramente pedagógico.** Mas não escondeu os riscos: “Estamos a dar aos alunos o manual de soluções para o mundo inteiro. Se só quiserem passar, a IA permite que o façam sem aprender nada.”

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Defensor do uso estratégico da tecnologia, foi perentório: **capacitemos os professores antes de automatizarmos os alunos.** E deixou um aviso crucial: **a IA pode reduzir desigualdades, mas também criar, ligadas à motivação intrínseca e à preguiça intelectual.**

Lançando pontes para a apresentação que se seguia, Bernardo Caldas terminou com um apelo inspirador: **“Eduquem alunos capazes de decidir e de criar”.** Numa era de transformação acelerada, o essencial não é ensinar a usar ferramentas: **é formar mentes livres, críticas e humanas.**

E a questão da humanização, mais concretamente, **“A humanização que nos amplia”**, foi precisamente o tema da intervenção de Rui Marques (Coordenador, Relational Lab e Programa de Educação Relacional) que defendeu **a urgência de uma revolução relacional na educação.** A partir da história inspiradora da Joana – que odiava matemática até ser transformada pela relação com a sua professora Rita –, Rui sublinhou que não mudou o currículo, não mudou a matéria e nem sequer mudou a matemática: **“O que mudou foi a relação”.**

A educação, argumentou, tem de evoluir do “penso, logo existo” para o “relaciono-me, logo existo”. Apoiado em evidências da neurociência, lembrou que somos seres relacionais antes de sermos racionais, e que **só há aprendizagens significativas em contextos de relações significativas.** Ideia, aliás, defendida pela UNESCO, que propõe **um novo contrato social para a educação, centrado no reequilíbrio das relações: com os outros, com o planeta, com a tecnologia.**

Para este orador, **a verdadeira inovação educativa não está na tecnologia, mas na qualidade das relações humanas:** professor-aluno, entre pares, entre docentes e assistentes operacionais. **“O centro não é o aluno nem o professor. O centro é a relação”**, afirmou, propondo ainda uma “literacia relacional” como base para todas as outras competências. **As escolas devem tornar visíveis os invisíveis e construir espaços mais acolhedores, desde a portaria até à sala de aula.**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

E terminou com uma ideia inspiradora: “Alguns pensam que as pessoas constroem relações. Eu, porém, penso que as relações constroem pessoas”.

A escola já conhece a literacia mediática.

Mas conhece mal.

E deveria conhecer bem. Porquê? Porque é um pilar da cidadania e da democracia. Foi este o ponto de partida do painel **Literacia mediática: um tema incontornável**, moderado por Diogo Martins, Jornalista e pivot SIC Notícias, que reuniu três vozes ativas na promoção da educação para os media: Fernanda Bonacho (Professora de comunicação e responsável pela Cátedra UNESCO Comunicação, Literacia Mediática e Cidadania); Madalena Nunes Diogo (Cofundadora do Estrelas & Ouriços e Diretora do Jornal infantil Expressinho) e Sandra Varandas (Editora sicnoticias.pt e Editora sicexplicame.pt).

Fernanda Bonacho, começou por esclarecer um equívoco comum: a literacia mediática não está fora das escolas. Os referenciais existem desde 2014 e há trabalho político e institucional em curso. No entanto, a complexidade comunicacional da sociedade contemporânea exige mais: “O problema é que não tem sido uma prioridade”. E deve ser.

Para Fernanda Bonacho, **é redutor pensar na literacia mediática apenas como combate à desinformação e fake news: “Vai muito além disso. Envolve saber como os média funcionam, que linguagens utilizam, quais os interesses por trás daquilo que dizem – e do que omitem”**.

Madalena Diogo, apresentou o projeto do semanário Expresso e defendeu a urgência de fomentar a produção de conteúdos por crianças nas escolas. Recordou que em 2017 havia 1200 jornais e rádios escolares registados; hoje, existem apenas cerca de 400, sublinhando a importância da permanência das equipas de docentes para manter estas práticas vivas. **“Há um decréscimo preocupante. E sabemos que é ao experimentar comunicar que os alunos se tornam leitores e cidadãos mais atentos”**, concluiu.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Sandra Varandas, trouxe o entusiasmo de um formato inovador, o SIC Explica-me, criado para responder às dúvidas reais das crianças. “É o projeto mais difícil da minha vida, porque o público é muito exigente”. Apesar de ser um projeto recente, a equipa percebeu de imediato o potencial do *Explica-me* para envolver não só alunos, mas também pais e professores: “É um espaço seguro onde as crianças podem pensar, perguntar, descobrir. E isso é precioso”.

O interesse das crianças por temas como a política surpreende positivamente e a equipa de Sandra Varandas lança um desafio aos professores: que escolham um dia por semana, por exemplo, para pegarem no SIC Explica-me e analisarem notícias com os alunos em aula.

O painel terminou com um apelo de Fernanda Bonacho: os professores não precisam de mais responsabilidade, precisam de capacitação. Esta não é uma luta dos professores sozinhos. É de todos. **Educar para os media é educar para a democracia. E isso não pode continuar a ser adiado.**

Super-Heróis sem capa

Mas com muitos relatórios para fazer.

Dar voz aos professores é mais do que um gesto simbólico - é reconhecer que sem eles, não há escola que resista nem transformação que vingue. Assim, a Fundação Semapa - Pedro Queiroz Pereira fechou a dimensão **Ensinar para um mundo em mudança** com a apresentação, em primeira mão, no momento **A Voz dos Professores**, dos primeiros resultados do estudo “*A profissão docente em Portugal: Motivações, desafios e barreiras ao desenvolvimento da carreira*”, desenvolvido em parceria com a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade do Minho.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Margarida Rebocho, que subiu a palco com dois dos responsáveis por este estudo, Pedro Freitas (Investigador, Universidade de Oxford) e Miguel Herdade (Diretor, The Access Project UK), explicou que a iniciativa nasce do compromisso da Fundação com a educação e da consciência de que os professores são a peça central do sistema educativo. **“Pensámos que dar voz aos professores era fundamental para perceber onde devemos intervir e como podemos contribuir”**, afirmou.

Miguel Herdade reforçou esta ideia: **“Não há nada mais importante numa escola do que um professor. Eles são duas a três vezes mais determinantes para o sucesso educativo do que qualquer outro fator”**. Sublinhou ainda **o impacto desproporcional que um bom professor pode ter na vida de alunos em contextos desfavorecidos, contribuindo para quebrar ciclos de pobreza e abrir oportunidades.**

A urgência de agir decorre também de uma mudança geracional iminente: 60% dos docentes têm mais de 50 anos, e apenas 2% têm menos de 30. **“Vamos assistir à maior passagem de testemunho da história da educação portuguesa”**, alertou, destacando a necessidade de valorizar e transferir o conhecimento dos professores mais experientes para os mais jovens.

Pedro Freitas apresentou dados preliminares do inquérito associado ao estudo, com uma amostra de quase 2000 professores de todos os níveis de ensino e setores. **Quatro em cada dez professores refere que o seu maior reconhecimento vem dos alunos.** Já seis em cada dez consideram a sociedade é quem menos valor lhes dá. Sobre a realidade que enfrentam todos os dias nas escolas, quase metade dos professores reporta casos de faltas sucessivas de alunos, e cerca de um terço dos docentes tem conhecimento de episódios de violência entre alunos. **Em média, os professores dedicam quatro horas semanais a tarefas burocráticas, como justificações de faltas e relatórios.**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Contrariando a ideia de que a escola portuguesa está estagnada, este investigador revelou que dois em cada três professores já utilizam inteligência artificial na preparação de aulas e avaliações. Ainda assim, os docentes inquiridos apontam a área das tecnologias educativas, a par com a sua área científica, como as mais prioritárias e onde sentem mais falta de formação contínua. Áreas que são, precisamente, aquelas que têm maior aplicabilidade em contexto de sala de aula.

Quanto a programas de integração de novos professores nas escolas, apenas 20% dos professores referem saber da existência dos programas.

Perante estes dados, Pedro Freitas concluiu que **estamos num momento crítico e de oportunidade**. Deitando por terra o mito do fim do professor, “um dos maiores mitos da história da educação”, que volta e meia ecoa na sociedade, com a ideia de que “o professor será substituído por outra coisa qualquer” ou será um “simples mediador da aprendizagem”, afirmou: **“O professor será sempre central na escola, o seu papel é insubstituível”**. **Ouvir, valorizar e apoiar os docentes é condição essencial para garantir uma escola pública de qualidade.**

Na segunda parte do painel **A Voz dos Professores**, juntaram-se à conversa Cristina Mota, professora de Matemática e porta-voz da Missão Escola Pública, e Francisco de Jesus, jovem professor de História prestes a iniciar a sua carreira.

Cristina Mota começou por valorizar o facto de o painel dar voz direta a professores no ativo, frisando que essa escuta é muitas vezes ausente em momentos de decisão sobre o setor. Destacou a importância da experiência de jovens como Francisco, dos poucos que chegam hoje às escolas com formação pedagógica formal.

Comparando formações, assinalou que no seu tempo os estágios eram mais autónomos, com contacto direto e não supervisionado com turmas, algo que considera crucial para o desenvolvimento de competências docentes. E ainda partilhou estratégias práticas que lhe foram transmitidas no início da carreira, alertando para a ausência real de programas estruturados de acolhimento, que, mesmo existindo em teoria, não são implementados nas escolas.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Francisco de Jesus, apontado por Miguel Herdade como uma raridade, perante a grave falta de professores que o sistema enfrenta, explicou a sua **motivação para ser professor: o gosto pela História, o lado criativo e humano da profissão, o contacto com os alunos e a possibilidade de continuar a ser “um estudante para a vida”.**

Valorizou a experiência de estágio, ainda que limitada, e apontou a desmotivação generalizada que sente nas salas de professores como algo que o marcou negativamente. Reforçando que **o trabalho com alunos continua a ser uma fonte de sentido**, reconheceu, no entanto, lacunas na formação, sobretudo na já referida escassa prática letiva durante o estágio.

Sobre o futuro e medidas transformadoras para o ensino, Cristina Mota foi perentória: **a necessidade urgente de cativar professores, de valorização salarial e revisão do estatuto do aluno, sublinhando que é essencial reconstruir uma escola exigente e centrada na formação crítica dos cidadãos.** Reconhecendo o cansaço da classe, aconselhou Francisco a não desistir, lembrando que muitos professores continuam a realizar trabalhos extraordinários com os seus alunos. “Temos de apostar na escola”, concluiu.

O futuro já chegou.

Temos de implodir o Ministério da Educação para a escola não se atrasar?

Projetar o futuro da educação é, na verdade, projetar o futuro do país. Foi com esta convicção que se abriu a última dimensão e último grande painel da conferência **“Projetar futuros para a educação em Portugal”**, reunindo protagonistas do setor educativo, da sociedade civil, da investigação e da comunicação social, para uma conversa franca, desafiadora e profundamente comprometida com o futuro.

Rodrigo Castro, CEO da Educa-te, conduziu o diálogo, incentivando a espontaneidade e a troca viva entre os participantes. Começou por lançar o desafio a Pedro Santa Clara, diretor da TUMO e da 42 Portugal, com o foco nos seus projetos educativos inovadores: “Tu não tens professores, o que é que se passa aí?”.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Santa Clara clarificou: “Eu sou professor há 35 anos. E no TUMO há duas figuras semelhantes a professores: os *learning coaches* e os *workshops leaders*.” A inovação está na divisão da função tradicional do professor entre a componente técnica e a relação humana.

“O objetivo não é ser avaliado, é construir um portefólio. A iniciativa e o andamento estão do lado dos alunos”, sublinhou. Mas salvaguardou: **aprender é um ato social. É preciso dar significado ao que se está a fazer e isso vem de pares e adultos de referência.**

Inês Rodrigues, professora no Agrupamento de Escolas de Águas Santas e no ISCET, trouxe ao debate uma realidade muito diferente, a realidade das escolas públicas, sublinhando que a inovação não é sinónimo de tecnologia. E partilhou o comentário de um aluno sobre a inteligência artificial: **“Com a IA deixámos de pensar. Precisamos do professor para continuar a pensar”**. Sublinhando que os professores fazem muito com muito pouco, e reiterando que há excelentes projetos com poucos recursos, voltou a colocar na mesa um tema recorrente ao longo do dia: a urgência no investimento na formação contínua dos professores. A sua experiência espelha o esforço invisível de milhares de professores: “Somos também assistentes sociais, psicólogos.... Fazemos coisas que ninguém nos ensinou”.

Henrique Leitão (historiador, pró-reitor da Universidade de Lisboa e Membro da Comissão Científica Programa Novos Talentos, Fundação Calouste Gulbenkian) focou-se nos alunos, na questão do talento e nas diferenças: a equidade exige tratar diferentemente os que são diferentes. “É estrutural no processo educativo. Só não o fazemos mais por limitações práticas”, explicou. E apontou a deteção precoce de talento como essencial: se a Maria João Pires só soubesse o que se aprende na educação musical aos 18 anos, não havia Maria João Pires, exemplificou. E se é verdade que há mudanças a ser feitas, também há pilares que têm de ser mantidos: “O coração da tarefa educativa é suscitar no aluno um interesse novo pela realidade”.

Uma tarefa que, do lado da filantropia, Inês Oom de Sousa, Presidente da Fundação Santander Portugal, tem levado muito a sério a partir de três eixos de ação: apoio a projetos inovadores como o TUMO e a 42, capacitação de professores e implementação do “aprender através do brincar”, ideia que se concretiza na mesa da criatividade. Retomando a ideia de Inês Rodrigues, confessa-se estupefacta com o que se faz nas escolas com tão poucos recursos. **“Os professores merecem uma salva de palmas”**, defendeu.

Bernardo Ferrão, diretor de informação da SIC e SIC Notícias, aproveitou o gancho para alertar para a fragilização da profissão docente, “por sucessivos governos, de direita e de esquerda”, e criticou a desfragmentação da sociedade e dos públicos. “Não basta fazer podcasts ou projetos escolares. É preciso educação desde cedo, ensinar a ler, a perceber o mundo”. Pegando nas portas e janelas fechadas do painel dos alunos, alertou que a escola pública precisa de se atualizar: “Tem de olhar para o mundo e adaptar-se à sua comunidade. E não pode ser vista apenas como um emprego”.

Pedro Santa Clara encerrou com uma crítica contundente: **administramos a educação como não organizamos nenhuma empresa ou indústria - centralizadamente. “Temos um Ministério que administra diretamente 5500 escolas e que gere 135000 pessoas. E que diz aos diretores dessas escolas não podem recrutar, promover, despedir ou premiar os seus professores”**. Nas suas palavras, uma verdadeira loucura. Porquê? Porque decidimos, na educação, **“desligar os mecanismos que em qualquer indústria levam à qualidade e à inovação”**. Assim, defendeu autonomia, diversidade e incentivos certos. E, quando o moderador lhe pediu uma ideia para transformar a educação, atirou em tom irónico: “A minha única contribuição seria implodir o Ministério da Educação”. Henrique Leitão, mais contido, propôs: **“Comecemos por permitir que as escolas públicas escolham os seus professores”**.

A urgência e ambição deste painel ressoaram na plateia como um apelo à ação consequente. Como lembrou Rodrigo Castro: **“Problemas complexos não se resolvem facilmente. Mas o facto desta discussão acontecer é já um primeiro passo.”**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

E agora?

Agora, juntos, reparamos o motor.

A ação consequente exigida no último painel esteve em cima da mesa na conversa **“E agora? Pensamentos e esperanças em ação”**, que marcou o encerramento da conferência: um filósofo e um empresário sentaram-se em palco para refletir sobre o futuro. Martim Cunha Rego, filósofo e professor, abriu a conversa reconhecendo que vivemos um momento histórico repleto de oportunidades e desafios. E questionou Armindo Monteiro, Presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), sobre a sua visão para Portugal e qual o papel da educação no desenvolvimento do país.

Num tom otimista, o presidente da CIP defendeu que Portugal ainda está a aprender a ser livre e a empreender. Argumentando que, durante muito tempo, tivemos empresários com espírito empreendedor, mas sem matéria - faltava conhecimento - recusou a ideia de empresários “espertos” e defendeu **a necessidade de empresários inteligentes, formados, ligados à ciência, à tecnologia e à escola: “Temos de deixar de ser fenícios, comerciantes e passar a produzir valor acrescentado com base no conhecimento”**.

Armindo Monteiro criticou ainda a crónica subutilização do potencial do país: “Portugal é pobre porque quer. Crescemos sempre abaixo do nosso potencial”, defendeu. Para o presidente da CIP, parte da solução para este problema está na educação — não só a cognitiva, mas também a que forma atitudes. Atitudes que se ligam, também, ao ócio. Provocado por Martim Cunha Rego sobre a importância histórica do ócio – até para tempo de reflexão – foi perentório: o trabalho deve ter valor e proporcionar uma remuneração emocional. “A pior forma de medir trabalho é pelo relógio de ponto”, defendeu.

Invertidos os papéis, Monteiro citou Condorcet: “Uma sociedade não esclarecida por filósofos será enganada por charlatães”. E perguntou a Martim Cunha Rego se essa ideia ainda fazia sentido. O filósofo respondeu sem hesitar: “Acho que é uma verdade eterna”. Até porque, argumentou, a educação é um processo contínuo, para toda a vida.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

A conversa encerrou com uma última provocação filosófica: quando o presidente da CIP perguntou ao professor de filosofia o que concluía do seu curso “História da Alma”. Martim Cunha Rego respondeu com uma ideia socrática: **“Não nos conhecemos sem o outro. Precisamos do diálogo, do encontro, do espelho do outro para saber quem somos”**. Uma frase capaz de encerrar em si o espírito de toda a conferência: **porque é precisamente aí que a educação ganha o seu valor mais profundo — não apenas como passagem de conhecimento e de valor, mas como espaço de relação, descoberta mútua e construção de sentido**. Educar é, em última instância, criar as condições para que cada um se veja a si mesmo através do outro e encontre o seu lugar no mundo.



Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Ideias a reter

1. Visão da Escola e da Educação

- A escola é a vida, não apenas uma preparação para ela. Deve ser um espaço de segurança, pertença, erro, superação, pensamento e ação.
- Educar vai além da sala de aula: **toda a comunidade escolar educa** — do porteiro ao professor.
- **Aprender é um ato social**: só há aprendizagens significativas em contextos de relações significativas.
- A **qualidade** (não apenas o acesso) do sistema educativo é o verdadeiro motor de transformação das sociedades.
- **Projetar o futuro da educação é projetar o futuro do país.**

2. Princípios Pedagógicos e Curriculares

- **Intencionalidade pedagógica**: conhecer os alunos e adaptar os métodos aos seus perfis e contextos.
- **As metodologias tradicionais** (memorização, uniformização) já não chegam; é preciso inovar com métodos mais ambiciosos e personalizados.
- **Educar com os media** é preparar os alunos para compreender e intervir no mundo real (literacia mediática, consciência crítica).
- **Autonomia, pensamento crítico, ligação à realidade e human skills** como criatividade, comunicação e colaboração são prioritárias.

3. Primeira Infância e Desenvolvimento

- A primeira infância representa uma **janela de oportunidade** crítica no desenvolvimento cognitivo e deve ser prioridade absoluta.

4. Tecnologia, IA e Humanidade

- A IA deve ser usada **estrategicamente e com visão pedagógica**, não apenas como ferramenta.
- **Personalização da aprendizagem, libertação dos professores de tarefas burocráticas** e reforço das competências humanas são alguns dos potenciais da IA.
- Contudo, a IA **pode acentuar desigualdades** — é fundamental formar mentes críticas e conscientes do seu uso.
- Com o avanço da tecnologia, torna-se ainda mais urgente **reforçar o trabalho manual e artístico**, como o artesanato tradicional, que promove foco, criatividade, relação e identidade.

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

5. O Papel do Professor

- **O professor é insubstituível** e está no centro da experiência educativa.
- Precisa de ser **reposicionado como inspirador**, criador de sentido e de relações, alguém que ajuda os alunos a encontrar o seu lugar no mundo.
- É fundamental **investir na atratividade da profissão**, valorizando o lado técnico, criativo e humano da docência.
- **Liderar a educação é liderar a sala de aula** – é aí que começa o verdadeiro impacto.
- Os professores devem ser **eternos aprendizes**, disponíveis para evoluir e reencontrar continuamente o propósito da sua missão.
- **Que significado tem hoje ser professor?** Estarão os jovens a procurar uma carreira no ensino ou apenas uma experiência profissional passageira?
- Num mundo onde o **talento se expressa de formas múltiplas** e as **relações com o trabalho estão em transformação**, é urgente refletir sobre o futuro da docência e repensar como atrair, motivar e manter os melhores profissionais na escola.

6. Liderança e Autonomia Escolar

- Liderar uma escola é liderar um sistema humano complexo, com projeto, identidade e visão de futuro.
- É necessária **maior autonomia para as escolas públicas**, em especial na gestão de professores e na retenção de talentos, com ênfase nas escolas TEIP.
- **Alta rotatividade de professores** fragiliza a cultura escolar e o impacto pedagógico.

7. Relações, Comunidade e Contrato Social

- A UNESCO propõe um **novo contrato social para a educação**, centrado no reequilíbrio das relações: com os outros, com o planeta, com a tecnologia.
- A verdadeira inovação não tem de ser disruptiva — pode ser **voltar ao essencial**: leitura, escuta ativa, espaço para estudar, relações humanas.

8. Apelo Final

- Precisamos de uma **revolução relacional na educação** – só há aprendizagens significativas em contextos de relações significativas.
- **Todos os que fazem parte da escola merecem reconhecimento** – professores, alunos, auxiliares, cozinheiros, porteiros. Todos educam, todos contam.
- **A escola é um sistema de expansão** – individual e coletiva – que prepara para a vida e para a aprendizagem ao longo da vida.
- É tempo de **reposicionar a educação como uma causa nacional**, com coragem, compromisso e continuidade.
- Para transformar verdadeiramente o sistema educativo, é essencial **unir representantes da educação, da sociedade civil, do setor privado e dos media** – só juntos podemos construir um sistema de todos para todos.
- **Transformar o presente é a única forma de garantir um futuro melhor.**

Para qualquer utilização deste relatório, contactar a WIN WORLD, SA.

Equipa WIN WORLD

Carlota Ana Ribeiro Ferreira, Fundadora e Presidente

Mónica Costa, Diretora executiva

Joana Horta e Costa, Diretora executiva

Carlota Mexia de Almeida, Chefe de gabinete

Raquel Botelho, Editora

Carolina Tomaz, Investigadora

Nathalia Toledo, Media e editora de redes

Matilde Vieira de Almeida, Apresentadora

Francisco Villa de Brito, Designer

Francisca Ramalho, Designer

Mariana Veloso, Gestora de produção

Patrícia Alpoim, Gestora de parcerias



TOGETHER, WE CAN INSPIRE THE FUTURE

WWW.WINWORLD.PT

CONCEITO, PLANEAMENTO E GESTÃO GLOBAL

winworld
inspiring the future

PARCEIROS INSTITUCIONAIS



PARCEIROS

PARCEIROS DE MEDIA



APOIOS



FUNDADORES

